



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

ENSINO-APRENDIZAGEM AO SOM DO MARABAIXO: UMA EXPERIÊNCIA DOCENTE CONTRA-HEGEMÔNICA NO PIBID/UNIFAP

Eliza Carvalho dos Reis¹
Miquelly Pastana Tito-Sanches²
Kátia de Nazaré Santos Fonsêca³

Resumo: Este é um Relato de Experiência que aborda o Marabaixo – manifestação cultural amapaense de raiz africana –, como instrumento de ensino-aprendizagem contra-hegemônico. No texto descreve-se ação didático-pedagógica de Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência/PIBID/CAPES, Edital 23/2022, via Subprojeto Pedagogia/UNIFAP, em uma escola estadual ribeirinha de Ensino Fundamental. A metodologia firma-se em abordagem qualitativa, com aporte teórico em estudos sobre multiculturalismo, pedagogia interacionista e vivências marabaixeiras. O objetivo foi estimular a conservação da memória das gerações negras ancestrais e elevar a disseminação dos saberes afroamapaenses na escola-campo PIBID, por meio de atividades pedagógicas conexas às tradições do Marabaixo. Os resultados indicam que antes da realização das ações PIBID, a escola não estabelecia operações curriculares sistemáticas, conectadas à história dos negros amapaenses, estando invisibilizada a tradição cultural do Marabaixo.

Palavras-chave: Cultura Afro-brasileira-amapaense; Marabaixo; Prática Docente Contra-hegemônica; PIBID/UNIFAP.

INTRODUÇÃO

O Marabaixo como instrumento de ensino-aprendizagem contra-hegemônico é o tema deste artigo, o qual expressa inédita experiência acadêmico-docente desenvolvida no âmbito Programa de Iniciação à Docência (PIBDI). A motivação para o estudo foi despertada em função de vários fatores, sendo o *status* patrimonial do Marabaixo um deles. Trata-se da manifestação cultural de maior vulto do Estado do Amapá/AP, registrado como patrimônio imaterial do Brasil em ago./2018, após chancela do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CCPC/IPHAN). Na decisão finalista do mencionado Conselho, o Marabaixo foi considerado “herança das ancestralidades africanas, [sendo que] sua prática possibilita reafirmação dos laços de identidade e formação de vínculos entre comunidades de matriz africana, além de trocas de conhecimento” (Brasil, 2018a, p. 10).

¹ Aluna de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá - *Campus* Santana. Orcid: 0009-0000-1014-775X. E-mail: elizacarvalho2108@gmail.com

² Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP - *Campus* Santana. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UNIFAP. Orcid: 0000-0002-2170-5574. E-mail: miquelly@unifap.br

³ Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP - *Campus* Marco Zero. Mestre em Educação pelo PPGED/UNIFAP e Doutoranda pelo mesmo Programa. Orcid: 0000-0002-5605-488X. E-mail: katia.fonseca.unifap@hotmail.com



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

Note-se que tal reconhecimento leva em consideração a força e significado da cultura afro para o povo do Setentrião brasileiro, estando firmado no território Amapaense desde a segunda metade dos anos de 1700, quando mais de dois mil africanos foram utilizados como mão de obra escrava para a edificação da Fortaleza de São José de Macapá (1764-1782). Além disso, a região se tornou rota de fuga e localização perfeita para negros fugitivos das Províncias do Pará e do Maranhão, que passaram a estabelecer seus quilombos nas terras Tucujus (Luna, 2009). Assim, na intersecção de diversas etnias advindas da África foi-se modelando a cultura afroamapaense.

Fortemente arraigado à festividade religiosa católica, o Marabaixo é praticado há quase 300 anos pelas comunidades negras do Amapá e constitui-se por dança e música expressa em versos cantados denominados “versos dos ladrões”, imbricados por inúmeros significados. Contudo, essa manifestação cultural ainda tem pouca visibilidade nas Escolas amapaenses, apesar de ser esse o *locus*, por excelência, de disseminação de saber e de cultura.

A confirmação desse fato adveio de imersão pedagógica realizada em 2022, por alunos do Curso de Pedagogia/*Campus* Santana, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), via PIBDI. Assim, foi possível constatar na Escola-Campo a ausência de práticas de ensino voltadas à cultura afroamapaense, fato que despertou reflexão sobre o *quantum* de negativo isso representava ao desenvolvimento do estudante amapaense.

Diante desse cenário, traçou-se um Plano de Ação Pedagógica (PAP) na perspectiva de resgate da cultura ancestral do Marabaixo, tendo sido efetivado em Escola Pública da rede estadual de ensino amapaense, localizada no bairro Igarapé da Fortaleza, em Santana/AP. O objetivo central foi estimular, por meio de prática de ensino inovadora, a conservação da memória das gerações negras ancestrais, disseminando saberes afroamapaenses na escola-PIBID, por meio de atividades pedagógicas conexas às tradições do Marabaixo, e assim contribuir para debelar preconceitos em relação à cultura afrodescendente.

METODOLOGIA

A materialização da experiência acadêmica ora relatada, resultado do Subprojeto de Ensino/PIBID, tomou como ponto de partida pesquisa bibliográfica acerca da Tradição Cultural do Marabaixo, tendo como calço: documentos governamentais relacionados a patrimônio



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

cultural; pesquisa de Videira (2008), sobre a constituição da tradição do Marabaixo no AP; estudo de Caldas, Marcil e Andrade (2018), que discutem o Marabaixo como expressão identitária de um povo e sua cultura de resistência; abordagens multiculturalistas de Candau (2008), na qual a Escola contemporânea é atada ao diverso e portanto defendida como espaço plural de vivências. Em linha complementar, buscou-se reunir fatos e artefatos sobre o “Encontro dos Tambores”, as “Rodas de Marabaixo”, para entender as características marcantes dessa expressão artístico-político-cultural afrodescendente.

No eixo empírico da experiência docente levou-se a cabo o Plano de Ação Pedagógica/PIBID, que fora traçado na fase de diagnóstico da Escola-Campo, tendo como parâmetro a métrica qualitativa de abordagem defendida por Lüdke e André (1986). Note-se que as fases relacionadas à execução do mencionado plano constam descritas no item que trata do *modus operandi* da atividade pedagógica que fora realizada junto aos estudantes da Escola-PIBID. Disso tudo erigiu rica experiência, que revelou aspectos cruciais sobre o ensino da cultura afro no Amapá, e que passa a ser relatada.

Por oportuno, cabe registrar que, em função deste trabalho ser a expressão de atividade realizada no âmbito do PIBID, com o intuito exclusivamente de ensino, sem mérito de pesquisa científica, o registro junto ao CEP/CONEP está dispensado por força do Art. 1º, parágrafo único, inciso VIII da Resolução n. 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Contudo, todas as etapas foram cumpridas sem olvidar do compromisso ético com cada estudante da Escola-PIBID envolvido na atividade pedagógica.

O MARABAIXO E SEUS SENTIDOS E SIGNIFICADOS

O termo Marabaixo é produto da justaposição de palavras que compõem a expressão “mar-a-baixo”, não havendo consenso acerca do significado. Para uns, tem relação com o fluxo dos navios negreiros que desciam do continente africano rumo ao Brasil; para outros, corresponde ao descarte dos corpos escravos que morriam durante a exaustiva e insalubre travessia oceânica e o movimento de submersão ao fundo do mar.

Como uma das maiores manifestações culturais integrante da história do povo negro, no Estado do Amapá o Marabaixo se encontra enraizado nas comunidades quilombolas que são compostas por várias etnias negras. Trata-se de manifestação sincrética de religiosidade e



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

cultura, símbolo de devoção e resistência de ascendentes e descendentes do povo africano. Suas crenças estão ligadas ao catolicismo, com destaque ao Espírito Santo e à Santíssima Trindade. A maior festividade religiosa do Marabaixo é longa, dura em torno de seis meses – começa no Sábado de Aleluia e encerra após o feriado *Corpus-Christi* (Caldas *et al.*, 2018).

Com o intuito fomentar as tradições do povo preto do Amapá, celebrar a adversidade cultural e mostrar sua importância, desde 1995 ocorre no Estado uma festividade denominada “Encontro dos Tambores”. Nessa ocasião são recebidos também comunidades de outras denominações religiosas, como hip-hop, capoeira, dentre outros. Esse evento é organizado pela União dos Negros do Amapá (UNA), que fica localizada na Rua Gen. Rondon, 803 - Central, Macapá - AP, 68900-082. No local é possível encontrar variedade de expressões culturais, tais como danças, comidas e roupas características da tradição afro-brasileira. O evento tem durabilidade de 10 dias consecutivos e recebe todas as comunidades negras e não negras amapaenses, além de visitantes (IPHAN, 2018). Nesse contexto, propagar realidades distintas das comunidades afrodescendentes, para ser conhecida pela sociedade em geral, é extremamente importante, pois o cidadão tem o direito de enriquecer seu repertório de conhecimento.

Ainda de acordo com IPHAN (Brasil, 2018c):

O Marabaixo é uma forma de expressão elaborada pelas comunidades negras do estado do Amapá, manifestada especialmente por meio da dança e das cantigas denominadas ladrão, espécie de poesia oral musicada a partir dos toques das caixas, instrumentos de percussão produzidos pelos próprios tocadores.

Nesse ritual, o canto é uma das características mais fortes. Conhecido como “Ladrões de Marabaixo”, caracteriza-se por poesias melódicas que transmitem a história sobre o sofrimento negro, versos que expressam acontecimentos do seu cotidiano vivenciados no seu âmbito pessoal ou social, e que também são improvisadas oralmente. Esta forma de expressão se materializa durante as Rodas de Marabaixo, quando um dos participantes sai da roda, “rouba” pela voz o verso do seu parceiro, e produz outro verso.

No decurso das festividades são usadas roupas com estampas floridas, as mulheres usam saias rodadas floridas e os rapazes usam calças brancas, chapéus e blusas, e sempre acompanhados por seus tambores para tocarem durante a roda. Outro aspecto cultural importante diz respeito aos passos da dança, que consistem em andar com os pés sempre juntos,



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

fazendo analogia aos escravos que andavam com correntes nos pés durante o período de escravização. Mas, mesmo com a limitação simbólica dos grilhões, seus passos são precisos e fortes, assim expressando sentimentos de resistência, por meio dos movimentos que seus corpos fazem diante dos tambores.

O ENSINO DA CULTURA DO MARABAIXO NO ENSINO FUNDAMENTAL: ENTRELAÇAMENTO NECESSÁRIO

O Ensino Fundamental é modalidade obrigatória de escolarização dentro da Educação Básica, sendo de suma importância incluir nos objetos de conhecimento dessa fase escolar aspectos de identificação das realidades culturais dos estudantes, articulados com a valorização do convívio intra e extraescolar. Portanto, utilizar metodologias que trabalham as relações étnico-raciais é essencial para que todo o progresso de aprendizagem, nas etapas subsequentes seja exitoso. Sobre essa ótica, a Base Nacional Comum Curricular enfatiza:

Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo" (Brasil, 2018, p. 58).

Diante disso, vivenciar na escola contextos históricos da cultura originária do Amapá, transformará os aspectos de identificação do estudante com relação ao mundo, incentivando assim, a possibilidade de reverter o quadro de racismo estrutural contido no Brasil, mostrando a resistência da ancestralidade dos povos amapaenses. Portanto, identifica-se nesse trecho da BNCC perspectiva pedagógica de continuidade aos procedimentos previstos à Educação Infantil, que é o de preservar o estudante como centro do aprendizado, contribuindo com formação progressiva ao desenvolvimento integral do educando.

Desde o advento da Lei 10.639/2003, é direito dos estudantes e dever da Escola dar acesso a temáticas que resgatem a importância dos negros à formação da sociedade nacional, nos aspectos político/econômico/sociocultural (Brasil, 2003). Contudo, apesar dos avanços observados em 22 anos de edição da lei em comento, ainda há estabelecimentos de ensino que



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

não valorizam o DNA multicultural dos brasileiros. Tal crítica ecoa no Marabaixo, estando assim registrada no Dossiê do IPHAN:

O desconhecimento de boa parte da população amapaense sobre o Marabaixo desdobra-se em atos de preconceitos sobre a manifestação cultural e seus praticantes. Embora a existência da Lei 10.639/2003, que prevê o ensino de história e cultura afro-brasileira nos espaços de educação escolarizada, paradoxalmente são nesses ambientes que, segundo os marabaxeiros, acontecem atos de intolerância, desrespeito e total desconhecimento acerca da diversidade cultural amapaense, notadamente o Marabaixo (Brasil, 2018c, p. 86).

Conforme essa lei, é imprescindível que a unidade escolar ofereça a seus estudantes o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e amapaense, envolvendo o aluno nas relações étnico-raciais, colaborando para o processo de aprendizagem.

O Marabaixo por sua vez, pode também ser considerado a concretização da presença africana na formação da sociedade amapaense, dessa forma deve-se atribuir à comunidade africana parte dessa contribuição da memória e identidade (Caldas *et al.*, 2018). Diante disso, inserir a leitura e escrita antirracistas nos AIEF é uma metodologia relevante, tornando o estudante como protagonista de sua história.

Essa situação é tratada por Candau (2008, p. 15), que defende a necessidade de romper com o “caráter homogeneizador e monocultural da escola, [transformando-a] em espaço de cruzamento de culturas”. Tal projeção não é simples de realizar, haja vista a cultura eurocêntrica radicada no Brasil desde a Colônia. Mas é possível conferir materialidade à perspectiva multiculturalista nos espaços de educação formal, desde que a Escola e seus agentes estejam imbuídos desse intuito. Ferramentas jurídicas e didático-pedagógicas há para isso.

Nesse prisma, Videira (2008) defende radicalmente a formulação de projetos voltados a manifestações afro, com realce ao Marabaixo. Isso como forma de dar visibilidade a maior expressão político-religiosa-cultural do povo negro amapaense, que se mostra por meio de dança e poesia oral musicada, no contexto das festividades religiosas ligadas ao catolicismo popular. Desse modo, a dança se representa para a autora como parte importante e intrínseca da cultura africana e afrodescendentes, sendo, portanto, de fundamental importância seu resgate nas atividades de ensino-aprendizagem promovidas pelas Escolas.

Essa discussão remete ao currículo escolar, geralmente definido a priori pelas políticas curriculares que emanam dos Órgãos nacionais da Educação. Contudo, é importante alertar para



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

a autonomia didático-pedagógica dos estabelecimentos de ensino, fator que lhes permite abrir discussão e fazer projeções e realizar práticas curriculares para além da linha prescritiva e padronizada de ensino programada pelos Governos.

Tal possibilidade se ancora na própria LDB/96, quando anuncia o Projeto Político-Pedagógico (PPP) como documento identificador da Escola e de responsabilidade coletiva, tendo o professorado como ponto focal do processo de elaboração desse documento (Brasil, 1996). E o Marabaixo precisa ser incluído nesse relevante documento. Considere-se esse destaque com ênfase amplificada, pois o PPP da escola em que fora realizada a prática/PPBID não faz menção, nem contém referências ao contexto étnico-racial amapaense. Ou seja, o ensino da cultura do Marabaixo ainda é invisibilizado nas escolas, mesmo sendo uma expressão rica da identidade afroamapaense.

O Marabaixo é resistência. Evidenciá-lo é medida importante para produzir cultura de respeito e empatia à história de homens e mulheres originários da África ou deles descendentes, que por meio de inúmeras gerações foram determinantes para a identidade da Nação brasileira.

Urge, portanto, desenvolver estratégias pedagógicas ao encaixe das dimensões histórico-político-cultural do Marabaixo nos currículos escolares. E isso pode ocorrer de acordo com a dinâmica interna de cada estabelecimento de ensino, mas sem reducionismos à relevância desse assunto dentro das disciplinas. Nesse sentido, abrir espaço para o Marabaixo nas escolas é um pedagógico de reparação histórica e valorização identitária, lembrando aqui o que defende Candau (2008, p.11): “não deverá ser discutido uma única cultura ou monocultura dentro das salas de aulas, nosso país tem diversificação, fortalecendo assim, a formulação de práticas pedagógicas voltadas as questões étnico-raciais”. Logo, este tema se torna indispensável, vindo a ser elemento-chave à ruptura com diversas formas de discriminação que ocorrem ainda hoje na sociedade e no meio escolar.

Portanto, o professor deve mostrar experiências únicas por meio de incontáveis recursos pedagógicos que o Marabaixo oferece, estimulando e provocando o aluno a participar, a se envolver e se expressar por meio das atividades escolares. Nessa modelagem reside o imo do Marabaixo: estandarte de resistência ao racismo estrutural gerado pelos europeus, desde a dura travessia que os ancestrais dos afroamapaense foram submetidos, nos tumbeiros que desceram mar-a-baixo – da África às terras amapaenses – nos idos do séc. XVIII.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

A conscientização sobre esse abominável fato histórico e tantos outros que derrogam grupos sociais desprovidos de poder político-econômico – como é o caso população de ascendência negra –, perpassa pela Escola e exige medidas que valorizem as questões culturais, pois como afirma Candau (2008, p. 13), “não é possível conceber uma experiência pedagógica ‘desculturizada’, isto é, desvinculada das questões culturais da sociedade”.

A AÇÃO PIBID/UNIFAP COMO PRÁTICA DE RESGATE E VISIBILIDADE À CULTURA DO MARABAIXO

A cultura ancestral é de extrema importância para a preservação do patrimônio histórico cultural imaterial das sociedades, a fim de que sejam valorizados estes saberes e que possa se manter viva esta identidade (Videira, 2008).

A ação pedagógica do PIBID/UNIFAP, designada de “Tradição da Cultura do Marabaixo”, foi realizada com 23 estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública ribeirinha, localizada no bairro Igarapé da Fortaleza, em Santana/AP. O foco da ação foi o ensino de leitura e escrita, tendo como fio condutor as questões relacionadas à educação para as relações étnico-raciais na Amazônia amapaense, operacionalizado da seguinte forma:

1º momento: acolhimento dos estudantes, com escuta sobre quem já havia ouvido falar sobre o Marabaixo ou se tinham alguma ideia do que se tratava. Em seguida, foi apresentada a cultura do Marabaixo, com linguagem apropriada ao público infantil, reforçado com fotos, vestimentas, costumes e danças, destacando que essa manifestação faz parte do Amapá, o território de morada de todas as pessoas presentes à sala. Por meio de mapas mostrou-se a localização do Continente Africano, ressaltando sua origem e os mares que o separam do Brasil. Isso se fez a fim de explicar como surgiu a denominação “Marabaixo”.

2º momento: após a introdução ao tema, foi exibido o vídeo “Grupo Raízes do Marabaixo”, no qual crianças quilombolas, com exímia desenvoltura repercutem a tradição da dança do Marabaixo. Foi destacado que essa cultura tem uma trajetória de resistência e está diretamente relacionada à luta contra o racismo estrutural na sociedade, sempre utilizando uma linguagem acessível às crianças. Para finalizar essa etapa, passou-se a um trabalho prático, utilizando o texto intitulado “*Marabaixo por Luiz Gonzaga*”, com “versos de ladrões do Marabaixo”, e a seguir passou-se atividades de leitura e alfabetização.



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

3º momento: consistiu em uma oficina para a produção de um tambor, a chamada “Caixa de Marabaixo”, confeccionado com papelão, cola e papel cartão. Primeiro, foi ensinado como formar um cilindro com o papelão; em seguida, passou-se ao processo de enfeite, usado para isso papel cartão colorido. As crianças foram incentivadas a usar a criatividade na decoração. Por fim, foi recortada a tampa, no formato adequado, e colado no cilindro. Uma cordinha de barbante foi usada como suporte do instrumento musical. Esse tambor foi utilizado na dinâmica final, relacionada à dança do Marabaixo, incluindo o uso calças brancas, pelos meninos e saias floridas e rodadas pelas “meninas marabaxeiras”.

4º momento: ensinou-se os passos da dança do Marabaixo, que consiste em giros apenas para o lado esquerdo, com os pés juntos (trata-se da analogia, já mencionada ao longo do texto, que remete às correntes usadas nos negros escravizados, e que limitavam seus movimentos). Os tambores confeccionados na oficina foram distribuídos aos meninos, que formaram a “Roda de Marabaixo”, que acompanhavam com gestos cadenciados o som original da música do Marabaixo, completada pela dança das meninas. Esse ato encerrou a atividade de forma lúdica e participativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após esta ação, foi possível observar que os alunos, durante a atividade realizada se mantiveram curiosos e envolvidos com o tema exposto, sendo algo novo a ser despertado no aprendizado deles. Com essa prática a meta da ação pedagógica foi satisfatória, uma vez que produziu aprendizagem significativa, conferindo real importância ao Marabaixo como cultura imaterial do nosso Estado.

A importância da cultura do Marabaixo foi trabalhada ludicamente através da dança, poemas, música, leituras e atividades de escritas contra-hegemônicas, deixando os estudantes imersos nos processos culturais (Candau, 2018). Portanto, o objetivo de despertar para uma formação crítico-cultural foi atingido.

Resultou desse protocolo didático a (re)afirmação do Marabaixo como símbolo-mor da cultura e da resistência afroamapaense. Nesse processo, confirma-se a tese sociointeracionista de Vygotsky (1991), ao verificar a envoltura dos estudantes com o assunto tratado e a ampliação de repertório, conquistado mediante vivências distintas das que já tinham acumulado em relação



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

à realidade cultural do lugar que habitam. Assim, o tratamento pedagógico dado à tradição Marabaixo reverberou práticas de valorização da diversidade cultural, rompeu preconceitos e abriu duto ao reconhecimento da ancestralidade negra como determinante à formação cidadã, fatores convergentes ao cumprimento da Lei 10.639/2003.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica do PIBID identificou lacuna marcante em relação ao ensino da cultura do Marabaixo ofertada na escola. A falha no âmbito escolar de promover essa cultura na Educação Básica torna a multiculturalidade invisível no currículo escolar. Sendo assim, a Escola precisa priorizar projetos de ensino que tragam saberes culturais contra-hegemônicos aos alunos, envolvendo dinamismo de preservação a cultura e valorização de ancestralidade, proporcionando ao estudante o conhecer e o vivenciar as questões histórico-culturais, pois somente por meio de projetos vivenciais de inclusão poderá haver mudança no cenário de ausência de propostas pedagógicas culturais no ambiente escolar.

Conclusivamente, ajuíza-se que a experiência relatada é indicativa de evolução pedagógica, haja vista o estágio incipiente em que se encontrava a escola-campo PIBID, no que concerne a práticas curriculares conexas à produção cultural afroamapaense, antes da realização do Projeto “Tradição da Cultura Marabaixo”.

Por fim, cabe especial menção aos protagonistas do Subprojeto PIBID/Ped. Santana – Edital 23/2022. Foi por meio deles que o Marabaixo chegou à escola ribeirinha do Igarapé da Fortaleza e envolveu os estudantes, a ponto de estimulá-los à conservação da memória das gerações negras ancestrais e ao compartilhamento dos saberes afroamapaense captados na ação pibidiana. Desse modo, cumpriu-se o objetivo previsto e fica-se na expectativa de práticas análogas, para reforçar o direito constitucional de estudo e disseminação da diversidade identitária e cultural do povo negro – baluarte da sociedade amapaense-brasileira.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ata 91ª da Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN.** Aprova o Registro do Marabaixo como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil [...]. Belém: IPHAN, 2018a. Disponível em: <https://bcr.iphan.gov.br/documentos-do-process/ata->



V Seminário Internacional de História e Educação

Formação Docente, Currículo e
Desigualdades em Perspectiva Histórica.

de-reuniao-do-conselho-consultivo-do-patrimonio-cultural-registro-marabaixo/. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018b. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. **Dossiê de Registro Marabaixo**. Brasília: IPHAN, 2018c. Disponível em: <https://bcr.iphan.gov.br/documentos-do-process/dossie-de-registro-marabaixo/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Atualizada. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da rede de ensino. Brasília/DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 10 jul. 2025.

CALDAS, Yurgel P.; MARCIL Kerllyo B.; ANDRADE Estrela Veg C. Marabaixo: identidade e cultura de resistência. **Identidade!** São Leopoldo. v. 23, n. 1. p. 27-41, jan.-jul. 2018.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 13-37.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

LUNA, Verônica Xavier. **Entre o porteau e o volante: africanos redesenhando a Vila de São José de Macapá**. 2009. 163 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Piauí, Terezina, 2009. Disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp127785.pdf>. Acesso em 15/07/2025.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Dança do Marabaixo: Cultura Afroamapaense em Evidência**. Fortaleza, CE: Relatório de Pesquisa. 2008.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. Trad. José C. Neto *et al.* 4. ed. São Paulo. Livraria Martins, 1991.